



A DUALIDADE EPISTEMOLÓGICA DA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA: CIÊNCIAS DA NATUREZA OU CIÊNCIAS DO ESPÍRITO?¹

Guilherme Almeida de Lima²

RESUMO: A filosofia da psicanálise em território brasileiro tem se ocupado nas últimas décadas em estabelecer um panorama epistemológico acerca da substância discursiva que sustenta a teoria e a prática psicanalítica, retomando uma problemática que atravessa a história da psicanálise desde o seu nascimento em extensões europeias, a saber: a psicanálise é uma ciência do espírito ou da natureza? Essa pergunta se apresenta como o fio condutor da presente investigação, em que se busca estabelecer uma leitura comparativa entre a perspectiva hermenêutica da psicanálise (defendida pelo filósofo francês Jean Hyppolite) e a perspectiva energética (defendida pelo psiquiatra suíço Ludwig Binswanger). A metapsicologia da psicanálise se revela como uma bússola para se definir qual é a identidade epistemológica na construção da psicanálise. O posicionamento do pesquisador, enfim, se assemelha ao *modus operandi* do cientista, em que não convém se posicionar de um lado ou de outro, uma vez que essencialmente Freud não reconhecia esse antagonismo epistemológico, conforme será articulado com a proposta metodológica de leitura em Freud, inaugurada por Luiz Roberto Monzani.

Palavras-chave: Psicanálise. Epistemologia. Metapsicologia.

ABSTRACT: The philosophy of psychoanalysis in Brazilian territory has been busy in recent decades to establish an epistemological setting about the discursive substance that supports psychoanalytic theory and practice, returning to a problem that crosses the history of psychoanalysis since its birth in European extensions, designated: is psychoanalysis a science of the spirit or of nature? This question presents itself as the guiding thread of the present investigation, in which it seeks to establish a comparative reading between the hermeneutic perspective of psychoanalysis (defended by the French philosopher Jean Hyppolite) and the energy perspective (defended by the Swiss psychiatrist Ludwig Binswanger). The metapsychology of psychoanalysis reveals itself as a compass to define what is the epistemological identity in the construction of psychoanalysis. The researcher's position, in short, is similar to the scientist's *modus operandi*, in which it is not advisable to position himself on one side or the other, since essentially Freud did not recognize this epistemological antagonism, as will be articulated with the methodological proposal of reading in Freud, proposed by Luiz Roberto Monzani.

Keywords: Psychoanalysis. Epistemology. Metapsychology.

¹ O presente trabalho conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Psicólogo e Pedagogo. Professor no Departamento de Ciências da Saúde, Humanas e Sociais do Centro Universitário Campo Real (Guarapuava-PR). E-mail: Guialmeidadelima@gmail.com





INTRODUÇÃO: A METAPSIKOLOGIA COMO A EPISTEMOLOGIA DA PSICANÁLISE

A metapsicologia se apresenta como a natureza epistemológica da psicanálise, edificada por Freud desde seus escritos germinativos na segunda metade do século XIX. Considera-se a metapsicologia como uma plataforma epistemológica construída para dar conta dos fenômenos internos da clínica psicanalítica, em que sustenta a manipulação das manifestações do inconsciente. A metapsicologia se revela, portanto, como um instrumento de pesquisa, responsável por configurar a investigação científica dentro da psicanálise.

Metapsicologia refere-se a um tipo de psicologia que, por meio de recursos da linguagem – como, por exemplo, imagens, comparações, figuras, metáforas etc. –, versa sobre os fenômenos psíquicos inconscientes constatados na clínica, mas que não são verificados materialmente enquanto entidades substanciais. Esses fenômenos explorados pela Psicanálise, não obstante o fato de serem percebidos apenas por meio de abstrações, configuram-se como manifestações do psiquismo. (SILVA, 2011, p. 110)

Em um primeiro momento, a palavra metapsicologia conduz o leitor a associar seu prefixo *meta* à metafísica, adquirindo, portanto, um caráter metafísico referente a filosofia tradicional, conforme Immanuel Kant³ a postula. No entanto, o significado da metapsicologia aqui nesse contexto consiste em um meio de conceber os dados que ultrapassam os limites da experiência sensível em seu sentido psicológico. Sendo assim, em consonância com Kant, supõe-se que a metafísica oferece subsídios metodológicos para se pensar as ciências naturais, colocando que toda ciência da natureza necessita de um guia especulativo de natureza metafísica para se produzir conhecimento ou oferecer um suporte teórico ao investigador.

Sob essa perspectiva, a metapsicologia corresponde analogamente à metafísica em uma concepção metodológica e procedimental, considerando que ambas buscam estabelecer categorias de pensamento, sistematização dos conceitos e classificação dos fenômenos para conduzir o investigador na resolução de problemas e na manipulação dos dados abstratos que não possuem um referente direto na experiência sensível. Desse modo, a metapsicologia se revela como um suporte teórico-metodológico puramente heurístico para a investigação em

³ Em Kant (1997), se atribui uma metafísica particular da natureza corpórea (fisiologia racional), designando objetos à doutrina dos corpos (física) e uma metafísica particular da natureza pensante (filosofia transcendental), designando a doutrina da alma (psicologia).



psicanálise, utilizada em seu caráter especulativo (elemento constituinte da pesquisa científica) para se aproximar da substância discursiva do inconsciente.

A problemática sobre o lugar que a metafísica ocupa na investigação científica pode ser localizada em Kant⁴, o qual constata a necessidade da construção de um lugar-limite entre a experiência sensível (empírica) e a experiência que revela a existência das ideias puras da razão (conceitos). A inexistência de uma dimensão espacial (física) para abarcar a experiência em seu sentido intelectual, isto é, abstrato, fez com que o ser humano construísse categorias de pensamento para nomear a realidade a partir de sua experiência sensível, exigindo, desse modo, um lugar que não se localiza exclusivamente no mundo espacial (dos sentidos), mas que se testemunha sua existência em um outro lugar: o das representações.⁵

[...] tanto a alma quanto o corpo são objetos dados pelos sentidos; a primeira, apenas pelo interno e o segundo, apenas pelo externo. Sendo assim, parece que a pergunta ("psicológico-metafísica") da relação espacial entre esses dois objetos deveria poder ser respondida *a priori* pela razão. Isso não é possível, sustenta Kant, visto que um objeto dado tão-somente no sentido interno (intuição interna) não tem propriedades espaciais. Em outras palavras, o conceito de sede da alma é autocontraditório, razão pela qual permanece vazio, sem nenhum referente que possa ser dado. (FULGENCIO, 2008, p. 85)

É possível identificar o lugar postulado por qual Kant para inserir essa substância abstrata das representações na pesquisa científica psicológica⁶, denominando-a de *esquemas*: “[...] esses esquemas simbólicos ou analógicos funcionam como construções auxiliares para que seja possível desenvolver a pesquisa empírica.” (FULGENCIO, 2008, p. 84). A utilização da analogia como um método especulativo científico, por exemplo, permite que o investigador possa se aproximar de um conjunto de representações e de ideias, emergindo, portanto, como um instrumento imprescindível na pesquisa empírica.

Com a atitude de Monzani (2014) em território latino-americano, se inaugura uma posição inédita dentro da filosofia da psicanálise em relação ao lugar que metapsicologia freudiana ocupa dentro do cenário epistemológico, pois a retomada dos textos freudianos em

⁴ KANT, 1997.; KANT, 2003.

⁵ Cf. Fulgencio, 2008, sobre o lugar que a metapsicologia freudiana ocupa dentro do programa kantiano *a priori* para as ciências da natureza.

⁶ Cf. Fulgencio, 1990, para compreender o lugar da psicologia dentro do programa kantiano *a priori* para as ciências da natureza.



uma perspectiva histórica e analisados sob um caráter de movimento de leitura, em oposição a uma lógica fixa e linear, mobiliza o pesquisador na continuidade dessa pesquisa epistemológica, com o objetivo de consolidar gradativamente cada vez mais essa área de pesquisa. Monzani é considerado um dos grandes nomes dentro da filosofia da psicanálise ao oferecer um método de investigação epistemológico dos textos freudianos.⁷

Nesse sentido, Monzani (2014) estabelece um roteiro para se compreender qual é o lugar que a metapsicologia ocupa dentro da teoria freudiana, articulando, sobretudo, com a sua importância metodológica dentro do programa científico da psicanálise. O autor nos indica, por exemplo, que a metapsicologia possui expressividade teórica antes mesmo de Freud tomá-la em sua existência propriamente dita, ou seja, a metapsicologia amparou os conceitos elementares no desenvolvimento da psicanálise, mesmo que Freud não a tivesse reconhecido em primeira instância, uma vez que a apropriação de Freud em relação a metapsicologia enreda uma narrativa bastante ambígua e conflituosa.⁸

Sendo assim, a metapsicologia existe desde a infância da psicanálise, tal como um sintoma⁹, tendo sua existência expressa em um caráter atemporal e simbolicamente onipresente, justificando-se, portanto, sua natureza mística¹⁰, uma vez que sua substância discursiva se torna um objeto de estudo totalizante e heurístico na história da psicanálise, despertando inúmeras reações sintomáticas na atmosfera intelectual e científica no contexto de desenvolvimento da psicanálise.

A discussão sobre a cientificidade da psicanálise nasce no momento em que a metapsicologia se distancia operacionalmente do paradigma¹¹ que fundamentava as investigações científicas no contexto do final do século XIX, sendo o critério comum que

⁷ Ao lado de autores como Bento Prado Jr. (1985), Osmyr Faria Gabbi Jr. (2003), Leopoldo Fulgencio (2005), Zeljko Loparic (2003), Renato Mezan (1982), Richard T. Simanke (2003) e Francisco Verardi Bocca (2020).

⁸ Cf. Masson, 1986, sobre a correspondência de Freud a Fliess de 21 de setembro de 1897.

⁹ A analogia da metapsicologia como um sintoma da psicanálise está sendo desenvolvida na dissertação de mestrado do presente autor, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

¹⁰ Essa ambiguidade epistemológica da metapsicologia levou Freud a comparar a metapsicologia com uma Feiticeira, isto é, a bruxa metapsicologia: "Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse 'fantasiar' –, não daremos outro passo à frente". (FREUD, 1996, p.241)

¹¹ KUHN, 2005.



circunscrevia os limites paradigmáticos do que se considerava ciência, transitando por um elemento biofísicista e positivista. No entanto, a natureza da metapsicologia revela uma bifurcação antitética entre si, posicionando-a em um conflito epistemológico de grande alcance, isto é: o conjunto de hipóteses que sustentam um discurso abstrato e pertencente às ciências do espírito, por outro lado, as postulações que defendem sua inserção no paradigma das ciências naturais.

A discussão sobre a classificação das ciências entre ciências da natureza e ciências do espírito refere-se ao contexto histórico denominado “querela dos métodos”, conforme aponta Assoun (1983), ocorrida na Alemanha no final do século XIX e no início do século XX, apresentando-se como uma bifurcação epistemológica da ciência entre: ciências naturais (*Naturwissenschaften*) de um lado; e ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), de outro.

A distinção entre duas áreas distintas para se conceber a natureza do conhecimento é problematizada inicialmente pelo filósofo alemão Wilhelm Dilthey, em 1883, com a publicação de seu livro denominado *Introdução às ciências do espírito*, em que aponta a sistematização e a classificação das ciências nessas duas concepções antagônicas entre si, buscando evidenciar a importância das ciências do espírito para o desenvolvimento intelectual da civilização, lançando as bases para se fundamentar as ciências humanas, conforme a conhecemos nos dias de hoje.

Tendo em vista que o paradigma epistemológico científico-naturalista predominava enquanto método investigativo na última década do século XIX, observa-se que Freud permanece fiel a este sistema epistemológico, elaborando neste contexto os conceitos germinativos para a consolidação da psicanálise no século XX (com as obras *Sobre as Afasias* (1979), *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1996) e *Estudos Sobre a Histeria* (1996). A predominância da perspectiva neurofisiológica nesse contexto, conduziu Freud na elaboração de um aparelho psíquico em termos quantitativos (distribuição de energia e força), sendo possível vislumbrar nesse período os elementos germinativos do inconsciente e de sua metapsicologia.

A plataforma epistemológica da psicanálise, isto é, a metapsicologia, foi se desenvolvendo ao longo das primeiras décadas do século XX, adquirindo gradativamente uma



configuração demarcada e se expressando cada vez mais nas investigações de Freud. No entanto, ao se utilizar da interpretação como um instrumento de análise do inconsciente, que se distanciava certamente do paradigma da época, Freud se confronta com uma antítese epistemológica intrínseca a construção da psicanálise e que permeia tradicionalmente o clássico conflito epistemológico entre mente e corpo.

Em um *estudo autobiográfico*, Freud (1996) esclarece qual é o objetivo da construção metapsicológica no desenvolvimento da psicanálise, denominando-a de *superestrutura especulativa*. Sua funcionalidade, portanto, se expressa como um método de investigação na ciência psicanalítica, designada em seu sentido exclusivamente especulativo. Essa construção teórica de caráter especulativo auxilia o pesquisador na investigação dos conceitos que se apresentam em um grau de abstração elevado, considerando que o seu objetivo é oferecer um suporte teórico ao pesquisador na manipulação dos dados teóricos em um caráter heurístico, que não encontra, naturalmente, um referente sensível em um sentido empírico do termo: “Estas representações [...] pertencem a uma superestrutura especulativa [*spekulativer Überbau*] da psicanálise, em que cada parte pode ser sacrificada ou trocada sem danos nem remorso, a partir do momento em que uma insuficiência é constatada.” (FREUD, 1996, p. 32)

A tentativa dos filósofos em demarcar e circunscrever os limites epistemológicos da metapsicologia psicanalítica nasce nesse contexto de resistência e rechaço a psicanálise por parte da comunidade científica no início do seu desenvolvimento, se expressando em tradições e correntes diversas dentro da pesquisa filosófica em psicanálise, que podem ser apontadas em uma bifurcação entre a concepção filosófica que concebe a metapsicologia freudiana correspondente às ciências humanas e a concepção que encara essa construção de Freud como pertencente às ciências da natureza. A tentativa de delinear a especificidade metodológica da metapsicologia freudiana é o fio condutor de uma das principais problemáticas dentro da filosofia da psicanálise, se apresentando aqui, portanto, como o eixo que delinea a presente investigação.

Destaca-se aqui, no entanto, que o recorte realizado na presente investigação pressupõe duas concepções antitéticas entre si e que traduzem a ambivalência no qual a psicanálise se desdobra no panorama da filosofia em relação à essa discussão, tendo, portanto,



de um lado, aqueles que propõem uma tradição excludente da possibilidade de um naturalismo em Freud (aqui referente ao filósofo francês Jean Hyppolite), propondo uma leitura hermenêutica da psicanálise, e aqueles que reconhecem e enaltecem a originalidade e perspicácia freudiana em relação ao naturalismo freudiano intrínseco à psicanálise, referente a concepção do psiquiatra suíço Ludwig Binswanger, em que postula o pertencimento da psicanálise às ciências da natureza (*Naturwissenschaften*).

2 O DEMÔNIO POSITIVISTA: FREUD HERMENEUTA

A hermenêutica em Freud corresponde à leitura do filósofo francês Jean Hyppolite, em que se apropria da tradição do existencialismo fenomenológico para conceber o método epistemológico freudiano. Sua argumentação revela uma importância atribuída à dimensão interpretativa das manifestações do inconsciente, inaugurada por Freud em *interpretação dos sonhos* (1900), valorizando o sentido das representações oriundas da natureza do aparelho psíquico, em oposição a concepção que priorizava a ordem dos fenômenos em uma concepção energética (força).

A ideia dos sentidos simbólicos e das representações do inconsciente subverte toda a lógica psicanalítica até então concebida na visão de Hyppolite¹², considerando que a partir da canônica obra de Freud (*interpretação dos sonhos*) uma nova concepção metodológica emerge para se investigar os elementos discursivos da substância epistemológica da clínica psicanalítica.

Em seus primórdios, a metapsicologia se revela em uma leitura exclusivamente econômica e topográfica, correspondendo aos limites paradigmáticos de ciência da época, isto é, o positivismo. Para Hyppolite, no entanto, a metapsicologia em seu caráter energético não passava de uma ilusão para o desenvolvimento da psicanálise, uma vez que desviava do objetivo posteriormente descoberto por Freud (interpretação) e que se revelava como a essência da psicanálise, a saber, o de contemplar o aspecto hermenêutico como o elemento

¹² Embora Monzani (2014), refute esse argumento, afirmando que a psicanálise nunca deixou de lado o substrato energético.



constituente da metapsicologia: “Eis o núcleo duro da psicanálise. Em torno, infelizmente se detecta um registro positivista que estraga o conteúdo, contaminando-o sobretudo por essa concepção topológica, denunciada como a mais patente grosseria positivista.” (ASSOUN, 1983, p. 26)

A concepção energética fundamentada na perspectiva da força do aparelho psíquico restringiria a dimensão ontológica do ser, visto que a concepção inicial de Freud sobre o inconsciente forja uma cena mecânica, desconsiderando qualquer manifestação ontológica e que se revela fundamental para contemplar o sujeito pós-moderno. Desse modo, Hyppolite propõe pensarmos a psicanálise em uma reatualização discursiva de caráter epistemológico, para isso, apropriando-se da fenomenologia e do existencialismo de Sartre e Heidegger: “Heidegger e Sartre encarregaram-se de corrigir a linguagem incorreta de Freud. No espírito dos fenomenólogos, não há nem mesmo suspeita de traí-lo, pelo contrário, ambição de completá-lo. Só que ao preço de civilizar sua linguagem grosseiramente positivista.” (ASSOUN, 1983, p. 27)

Não há como negar o fato de que a introdução da dimensão do sentido na psicanálise subverte uma certa lógica até então estabelecida por Freud, desvelando, naturalmente, a natureza do inconsciente em uma concepção hermenêutica, simbólica e das representações da linguagem. Esse substrato discursivo da natureza do inconsciente inaugura uma nova posição dentro da filosofia da psicanálise, uma vez que a pesquisa do sentido conduz o psicanalista na significação oculta das palavras manifestas. Nas palavras de Monzani (2014, p. 73): “Hyppolite não deixa muitas margens a dúvidas e sua interpretação caminha, nitidamente, através de uma escolha: o bom Freud é o Freud exegeta.”. Hyppolite configura, portanto, nesse cenário da filosofia da psicanálise, uma necessidade de escolha por parte do investigador, sendo que este deveria adotar um posicionamento discursivo, elegendo um lado.

A problemática sobre a influência do positivismo e do mecanicismo na construção da metapsicologia freudiana é devidamente apontada por Hyppolite (1971) como uma etapa necessária ao desenvolvimento histórico da psicanálise, servindo como um suporte teórico para o seu nascimento. Ressalta, porém, que um novo percurso é instituído após as descobertas metapsicológicas em sua dimensão hermenêutica, iluminando o caminho a ser



seguido pelo investigador, em uma perspectiva da pesquisa do sentido das manifestações do inconsciente, sendo considerada por Hyppolite (1971) como a essência do método psicanalítico. A hermenêutica, para o autor, portanto, deve ser o pilar epistemológico na construção epistemológica da psicanálise.

Nesse ponto, o filósofo francês opõe duas categorias filosóficas distintas em relação à natureza das manifestações inconscientes: causalidade x sentido. Afirma que a causalidade estaria à serviço das tradições sustentadas pelo discurso das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*), ou seja, a concepção biofísica e energética. A perspectiva do sentido e das representações se ampara pela dimensão da significação, isto é, por meio do discurso hermenêutico, análoga às ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*). A causalidade corresponderia ao elemento mecanicista e positivista, enquanto o discurso hermenêutico dialogaria com as raízes fenomenológico-existenciais, visões que são naturalmente antitéticas entre si, devido à sua natureza epistemológica.

Esta inadequação se coloca porque Freud utiliza frequentemente um modelo "positivista", de características energéticas, para a representação do psíquico, que se contrapõe ao exame minucioso no plano da significação que ele realiza na interpretação dos sintomas e das outras formações do inconsciente. Assim, existiria um contraste e mesmo uma contradição entre o "materialismo da energia" e a "análise intencional". Porém, apesar de que Freud sempre se mantém metodologicamente no registro da significação, ele "jamais abandonará completamente esta representação energética. (HYPPOLITE, 1971, p. 21-22)

A identidade freudiana estaria, portanto, fadada ao mecanicismo e ao positivismo intrínseco à sua natureza epistemológica, consideradas, no entanto, como traços de personalidade que evidenciam o seu ponto fraco. Na visão de Hyppolite (1971), essa identidade que se expressa em uma personalidade naturalista compromete a plataforma metapsicológica, devido à demonização culposa desse substrato biofísica e mecanicista, que retira qualquer possibilidade de contemplação ontológica dentro da perspectiva do sujeito em psicanálise. Essa problemática se apresenta em Hyppolite (1971) como uma personificação de um demônio: o demônio positivista.

Por detrás dessa questão de linguagem, o que está em jogo não é outra coisa senão a identidade epistêmica da psicanálise. Porque Freud formulou seu campo de saber nessa linguagem específica que denominamos "positivista". Ao despojar a psicanálise dessa linguagem na qual ela se pensa e forja seus termos, não é a própria identidade



freudiana que se atinge? Por detrás dessa pretensão de salvar a psicanálise, não é a contestação da identidade epistemológica da psicanálise que está em jogo? Tudo se passa, a seguirmos o raciocínio de Hyppolite, como se a psicanálise pecasse por sua parte teórica: seu valor viria daquilo que ela investiga, das unidades de sentido que elucida; mas sua fraqueza proviria do essencial: da plataforma epistêmica, dos princípios e da linguagem. É demasiado fácil projetar essa fraqueza nas concessões de Freud ao **demônio positivista**. Numa palavra, Freud não teria princípios *seus*. (ASSOUN, 1983, p. 29-30)

Hyppolite (1971) defende a ideia de que há uma ruptura epistemológica dentro da psicanálise após a publicação da *interpretação dos sonhos* (1900), obra que rompe de forma sutil e gradativa com o substrato mecanicista e positivista no percurso histórico do desenvolvimento da psicanálise.¹³ Contudo, pode-se perceber que ambas as concepções caminham mutuamente, conforme apontam as investigações de Monzani (2014), o qual apresenta em seu método de leitura freudiano que a discussão sobre a continuidade e a ruptura da concepção epistemológica na história da psicanálise é amplamente equivocada, uma vez que Freud não tinha a pretensão em distinguir um *corpus* discursivo (energético) do outro (hermenêutico).

O investigador atento estaria se questionando sobre a possibilidade de coexistência de duas concepções epistemológicas completamente antagônicas entre si. Como sustentar, com efeito, uma ciência que apresenta um objeto de estudo – inconsciente – que transita entre duas substâncias discursivas em um profundo contraste antitético?

Retomando alguns elementos constitutivos do inconsciente, logo percebemos que em essência, esse fenômeno carrega a fonte das representações da existência humana, revelando-se como a raiz das condensações conceituais em um elevado grau de abstração, pois a própria dualidade do inconsciente revela seu conflito ontológico do qual lhe é próprio. Os conceitos teóricos de denegação (*Verneinung*) e de recalque (*Verdrängung*) ilustram claramente essa clivagem do sujeito, ou seja, sua divisão intrínseca à natureza humana, sendo as formas estruturais com as quais o sujeito lida com a castração. O inconsciente expressa, por sua natureza, a divisão do sujeito.

¹³ Cf. Monzani, 2014, sobre a continuidade x ruptura da concepção energética x concepção hermenêutica na metapsicologia freudiana.



A ótica de Hyppolite (1971) aponta para essa problemática da leitura exclusivamente energética contemplada por Freud em suas investigações psicanalíticas. O autor busca inserir a epistemologia da psicanálise na concepção da leitura hermenêutica, sustentada pela abertura ontológica do sujeito, amparada por autores oriundos do existencialismo fenomenológico. Podemos elucidar, portanto, que a tentativa de Hyppolite se dá em uma problemática interior ao discurso epistemológico adotado pelo pesquisador, o qual se expressa em uma necessidade de escolha ou posicionamento por parte do cientista.

Nesse ponto, é possível observar o equívoco de Hyppolite dentro da filosofia da psicanálise, considerando que o olhar sobre a epistemologia da psicanálise deve ser contemplado mais em sua articulação metodológica, do que propriamente discursiva, ou seja, trata-se de investigar qual é o movimento realizado por Freud na utilização das duas leituras epistemológicas distintas em sua natureza e qual é a atitude freudiana diante suas investigações, uma vez que a coexistência da perspectiva energética e hermenêutica na obra psicanalítica indica uma funcionalidade teórica e operacional.

A funcionalidade da utilização das duas leituras dentro da obra freudiana pode ser explorada com base nas investigações de Monzani (2014), o qual propõe pensarmos a epistemologia da psicanálise em um movimento de leitura, ou seja, excluindo a possibilidade de eleger um discurso em detrimento de outro, pois ambas as perspectivas indicam um valor altamente investigativo no interior da obra freudiana. Além de Monzani (2014), Fulgencio (2008) também aponta sobre o caráter metodológico da metapsicologia no fazer científico, em correspondência com o programa científico *a priori* das ciências empíricas de Immanuel Kant, postulando a necessidade de uma metafísica especulativa – nesse caso, a metapsicologia –, intrínseca a qualquer investigação científica.

A dimensão energética, porém, permanece sendo concebida sob uma perspectiva nociva à plataforma epistemológica freudiana na visão de Hyppolite, como se a sua expressão teórica revelasse uma ameaça direta à construção hermenêutica e conseqüentemente, ao desenvolvimento posterior da psicanálise como um todo. O registro energético é encarado nessa concepção exclusivamente hermenêutica, como um caminho sinuoso, sujeito à uma insuficiência teórica. Ao se questionar sobre onde Freud se mostra falho, Assoun (1983)



esclarece a influência da fenomenologia husserliana e da ontologia heideggeriana em Hyppolite, colocando que para o autor, a falha de psicanálise se dá: “pela *energia*, este maldito e obstinado ponto de vista energético que permanece colado em sua pele como uma maldição: ora, a energia é o inimigo do sentido!”. (ASSOUN, 1983, p. 30)

3 A PSICANÁLISE COMO UMA CIÊNCIA DA NATUREZA: FREUD ENERGÉTICO

O conflito epistemológico entre as ciências da natureza x ciências do espírito revelam um clássico antagonismo dentro da filosofia da ciência, sendo que a discussão sobre a cientificidade da psicanálise se apresenta como uma expressão desse conflito. No contexto intelectual das investigações de Freud, a ciência havia conquistado seu grau elevado de maturidade, adquirindo um caráter hegemônico, isto é, um discurso consensual e comum entre os praticantes da verdade científica, conforme aponta os filósofos da ciência, não permitindo, portanto, distorções ou equívocos de caráter metodológico e conceitual que não se enquadrassem nos critérios estabelecidos pela comunidade científica. (BACHELARD, 1996; KUHN, 2005; POPPER, 1975)

Localizar e legitimar a psicanálise dentro do discurso científico da época se apresentava não somente como um *status quo* dessa inédita plataforma de investigação, mas se tornava uma pré-condição de sua existência, ou seja, a sobrevivência da psicanálise dentro da pesquisa científica dependia do discurso no qual ela seria qualificada. A plataforma epistemológica da psicanálise se revelou posteriormente como um dos objetos de estudos dentro da filosofia da ciência e da filosofia da psicanálise.

Freud inaugura a psicanálise como um produto de sua época, conforme já explanado anteriormente, isto é, em uma perspectiva exclusivamente mecanicista e fisicalista, correspondendo em sua natureza constitutiva um elemento intrínseco às *Naturwissenschaften* (ciências da natureza): a concepção energética. Essa concepção é detalhadamente aprofundada pelo psiquiatra suíço Ludwig Binswanger, em que defende que a psicanálise como pertence única e exclusivamente ao rol das ciências da natureza.



Conforme aponta Binswanger, indicado por Assoun (1983), a psicanálise é uma ciência essencialmente da natureza, sustentada por uma concepção energética-fisicalista. Em 1936, Binswanger se interroga sobre a concepção freudiana da natureza do homem à luz das referências antropológicas, situando a natureza humana em Freud como uma "elaboração da idéia do *homo natura* numa teoria naturalista [...], pois o processo dialético de redução que Freud utiliza como instrumento metodológico para a construção teórica de sua idéia do homem é, até em seus últimos detalhes, o das ciências naturais". (ASSOUN, 1983, p. 22)

Localizar o substrato naturalista na construção da psicanálise, implica em colocar em jogo a própria identidade freudiana, uma vez que sua base epistemológica não corresponde à uma originalidade propriamente dita, pois sua formação acadêmica revela que Freud é filho da formação naturalista da época. Esse fato indica claramente a presença de seus mestres desde o início de sua formação, em que legitimam e despertam a racionalidade científica no jovem Freud.

O nascimento da psicanálise é uma apropriação de um *locus* teórico que já antecedia as pesquisas freudiana, ou seja, o modelo utilizado na pesquisa em psicanálise corresponde à identidade naturalista, sendo que qualquer cientista que se desafiasse a investigar o organismo humano como um todo, se depararia, naturalmente, com o "otimismo intelectual naturalista", característico do contexto científico da segunda metade do século XIX e do início do século XX. (ASSOUN, 1983, p. 22)

As influências materialistas em Freud expressam muito bem a divisão operada dentro da teoria psicanalítica, ou seja, a suposta originalidade de Freud é, na verdade, uma continuidade de sua formação acadêmica. Desse modo, sua originalidade enquanto concepção epistemológica entra em jogo, pois é possível localizar sua natureza epistemológica em autores como Johann Friedrich Herbart, Theodor Hermann Meynert e Wilhelm von Brücke, por exemplo, conforme mencionado anteriormente, como aponta Assoun (1983).

[...] Assim, Binswanger tem o mérito de pensar essa origem, não como uma contingência, mas como a marca de onde procede a força mesma da mensagem freudiana em sua originalidade: "a esse otimismo intelectual das ciências naturais, à idéia do *homo natura* nele enraizada e por ele construída, invulnerável a todas as influências não naturalistas, que a doutrina freudiana deve sua força conquistadora... o *homo natura* constitui o problema científico no qual o gênio de Freud se verificou,



o edifício científico que, com uma inflexibilidade e uma persistência incríveis, construiu a partir do material mutante da vida humana. (ASSOUN, 1983, p. 22)

A concepção teórica elementar que sustenta a hipótese de Binswanger corresponde a proposta de que a psicanálise é uma construção essencialmente naturalista, tendo uma visão de natureza humana que se apoia nas ideias científicas *homo natura*, em oposição às clássicas perspectiva de homem perpetuadas ao longo dos séculos no ocidente desde as tradições milenares, influenciadas exclusivamente nos últimos séculos pela ascensão da fenomenologia existencial e da concepção ontológica-antropológica (*homo existentialis*) do ser humano, ou seja, a influência da dimensão histórica e existencial que denota uma construção ontológica e subjetiva, em uma leitura do ser. O autor propõe pensarmos a natureza humana em psicanálise em uma concepção:

Em oposição diametral à tradição milenar da essência do homem como *homo aeternus* ou *homo caelistis*, como homem histórico "geral" ou *homo universalis*, e em igual oposição à concepção moderna ontológico-antropológica do homem como existência "histórica", no sentido pregnante do termo, como *homo existentialis*, trata-se em Freud, vocês sabem, da ideia científica do *homo natura*, do homem como criatura natural. (BINSWANGER, 1970, p. 201)

O método das ciências naturais corresponde diretamente à operacionalização do processo dialético utilizado por Freud na construção conceitual e teórica dos pressupostos psicanalíticos, tendo o reducionismo como o elemento nodal nessa proposta. Freud é naturalista em excelência, conforme aponta Binswanger, uma vez que ao propor o aparelho psíquico em uma tese energética e fundamentando-o em elementos que são designados pelas ciências naturais, expressa claramente qual é a identidade epistemológica operada por Freud no contexto da construção da metapsicologia e da psicanálise.

Em outros termos, captado em sua imanência, o homem seria como uma natureza, um objeto natural, e, por essa razão, a psicanálise estaria construída segundo o modelo das *Naturwissenschaften*, isto é, a ideia de um *homo natura* seria uma construção naturalista da mesma maneira que a ideia biológica de organismo ou que a ideia física de luz. A grandeza de Freud estaria no fato de ter erigido um edifício doutrinal extremamente sólido e coerente, consequência de sua inflexibilidade metodológica. (MONZANI, 2014, p. 65)

No entanto, o método de abordagem de Freud em relação à sua proposta de uma "somatomorfologia" da experiência do ser humano, desperta uma ambivalência na comunidade científica, sendo alvo de uma série de ataques devido a forma em que Freud



subsiste em sua teoria duas forças distintas dentro da lógica naturalista, ou seja, a expressão da corporalidade, mesclado às produções pulsionais que a configuram, se tornam objeto de refutação dentro das discussões epistemológicas da psicanálise: “[...] O corporal, em Freud, se infiltra no psiquismo e, portanto, este já é de início ‘determinado corporalmente’. Ou seja, o aparelho psíquico em Freud é edificado sobre a ‘corporalidade’. Ele é um órgão”. (BINSWANGER, 1970, p. 215)

O elemento constituinte da concepção freudiana de natureza humana e sua respectiva reverberação na construção científica dessa plataforma epistemológica se apoia em uma visão mecanicista, tendo como fundamento epistemológico o biofiscalismo do homem, ou seja, a concepção de que a natureza humana é resultado da articulação sistemática do organismo e sua correspondência com os objetos físicos. Afirma Monzani (1989, p. 66) que: “a necessidade mecânica explica, em todos os seus detalhes, a organização do homem. A necessidade substitui a liberdade e o mecanicismo toma o ‘lugar da reflexão e da decisão’.”

Nessa perspectiva, a psicanálise se instaura em uma visão biológica do homem, uma vez que o projeto freudiano contempla o aparelho psíquico essencialmente constituído por forças biológicas, que correspondem ao naturalismo corpóreo e fiscalista. O elemento biológico na construção da metapsicologia expressa claramente a essência a pretensão científica de Freud, ou seja, o de construir uma ciência fundamentada exclusivamente pelo viés mecanicista.

Retomando a problemática elementar desta investigação, proposta inicialmente por Assoun (1983, p. 48), isto é, “és ciência da natureza ou ciência do espírito?”, podemos conduzir o leitor ao contexto inicial em que nasce essa ambiguidade teórica dentro da psicanálise. Trata-se da publicação da classificação das ciências proposta por Wilhelm Dilthey, em 1883, com sua publicação de *Introdução às ciências do espírito*, em que evidencia indiretamente alguns elementos paradoxais presentes na psicanálise, como por exemplo: Como superar o fato de que a psicanálise revela em essência um objeto de estudo dividido entre dois discursos distintos entre si? Se sua própria natureza é conflituosa, onde, então, situar a psicanálise? No rol das ciências naturais ou do espírito?



Embora a discussão sobre a epistemologia da psicanálise seja profunda em grau e extensa em quantidade, destaca-se que para Freud não havia outra forma de se fazer ciência, senão a que ele considerava sua natureza epistemológica desde os seus primórdios, isto é, a ciência da natureza. Seu olhar naturalista atravessa toda a extensa literatura psicanalítica. Trata-se, portanto, de conceber que na construção metodológica e investigativa da psicanálise, Freud não precisou escolher entre uma ou outra ciência, pois para o jovem neurologista, só havia uma única ciência, e a qual ele adotara como o seu método investigativo. Pois Freud:

Não escolhe a ciência da natureza contra uma ciência do espírito: quer mostrar, praticamente, que a alternativa não existe, na medida em que, em fato de cientificidade, só pode tratar-se de ciência da natureza. Freud, na aparência, *não conhece outra forma de ciência*. [...] Assim, a lembrança do universo precedente, embora tão constrangedor, tem por lição curiosa o fato de Freud ignorá-lo. A questão dos métodos, aparentemente, não lhe diz respeito. Fato significativo: esta plácida abstenção das paixões metodologistas constitui, no entanto, o anúncio da posição freudiana em seu meio epistêmico. (ASSOUN, 1983, p. 48)

A psicanálise é, por essência, uma *Naturwissenschaft*, ou seja, sua epistemologia é demarcada por seu caráter natural. Não há a possibilidade de identificar o limite exato entre os discursos que atravessam a psicanálise, considerando que Freud não se detinha na resolução dessa problemática epistemológica, pois sua atenção estava concentrada em outro aspecto da natureza humana: o do inconsciente.

Não podemos mais traçar um limite exato entre esses dois domínios principais da natureza, nem tampouco podemos estabelecer uma distinção absoluta entre o reino animal e o reino vegetal, ou entre o mundo animal e o mundo humano. Conseqüentemente, consideramos também toda a ciência humana como um único edifício de conhecimentos, e rejeitamos a distinção corrente entre a ciência da natureza e a ciência do espírito. A segunda constitui apenas uma parte da primeira ou, reciprocamente, ambas constituem apenas uma ciência. (ASSOUN, 1983, p. 51)

Freud não reconhecia essa dualidade epistemológica, considerando que os dois discursos antitéticos entre si, isto é, ciência da natureza e ciência do espírito coexistiam em sua construção metapsicológica, sendo como filhos da mesma mãe. O discurso que fundamenta e sustenta a epistemologia da psicanálise é por essência ambíguo, não devendo o leitor tomar uma posição, considerando que essencialmente Freud não legitimava essa



dualidade. Trata-se de conceber os dois discursos antitéticos entre si em seu caráter funcional e operacional, contemplados em um movimento de leitura.

4 NEM ENERGÉTICO, NEM HERMENEUTA, MAS UM MOVIMENTO DE LEITURA

Dentro da proposta freudiana, pensar na busca de uma síntese em relação aos discursos epistemológicos aparentemente antagônicos entre si, se torna evidentemente improdutiva, uma vez que o embate entre a escolha de um discurso em detrimento do outro se traduz em uma necessidade meramente heurística dentro da problemática da filosofia da psicanálise. Destaca-se, aqui, que a proposta de Monzani (2014), como uma alternativa eficaz para contemplar esse conflito, pois o autor inaugura um método de leitura da obra freudiana, apontando-a como um movimento dinâmico, pressupondo uma possível solução para o clássico antagonismo epistemológico entre ciências da natureza x ciências do espírito.

[...] esse tipo de leitura é mais frutífera e fecunda para a psicanálise e as ciências humanas. Parte-se da idéia de que cada disciplina produz um determinado saber que tem seu contorno e sua especificidade própria. Enfim, desse ponto de vista, abandona-se o ideal unitário de ciência, pelo menos provisoriamente, e seu correlato: o de que só existe um tipo de verdade [...] esse tipo de leitura procurará examinar e demarcar o conjunto dos critérios próprios e específicos de validação da disciplina em questão, e qual o critério e a idéia de verdade que daí brotam. Trata-se, portanto, neste último caso, de inverter o procedimento tradicional da filosofia da ciência, que parte de uma pré-determinada idéia de verdade, e se pergunta se as diferentes disciplinas que vão desfilando frente a ela (matemática, física, biologia, psicanálise etc.) se adequam ou não a esse modelo pré-estabelecido. Quer dizer, ao invés de procurar impor de fora, como uma camisa-de-força, certos critérios que se julgam válidos para toda e qualquer disciplina que se queira apresentar como ciência, procura-se, neste outro caso, a especificidade do modo de produção discursiva, quais os critérios próprios e específicos desse particular regime de validação. (MONZANI, 2008, p. 15-16).

A proposta de Monzani (2014) refere-se ao reconhecimento de um encontro entre ambas as concepções epistemológicas até então bifurcadas pelas discussões tradicionais dentro da epistemologia clássica. Para Monzani (2014), portanto, as concepções energética e hermenêutica se revelam como substratos significativos para se promover um exercício de pensamento dentro da legítima racionalidade da psicanálise.

Freud não abandonará nunca completamente esta representação energética; e o contraste é muito forte entre este materialismo da energia e esta análise intencional.



Talvez seja preciso evitar trair Freud escolhendo uma interpretação e não outra, pois ele próprio quis uma espécie de síntese, a qual não conseguiu atingir, e há uma originalidade nesta mistura, nesta recusa de separar uma filosofia da natureza e uma filosofia do espírito. Em Freud, vai-se sempre de uma imagem naturalista a uma compreensão, e vice-versa. (HYPPOLITE, 1971, p. 90)

O elemento apontado por Monzani e que opera no elo entre a articulação de uma filosofia da natureza e uma filosofia do espírito é a descoberta do fenômeno pulsional, em que revela toda a discussão em relação a uma possível hipótese metodológica da superação do clássico antagonismo epistemológico entre corpo e espírito. O conceito de pulsão (*trieb*) se revela como o elo que realiza a articulação entre o registro da força e da representação, ocupando um lugar evidente na epistemologia psicanalítica.

A separação entre as concepções epistemológicas referente a epistemologia freudiana que sustenta, de um lado, a concepção energética (força) e de outro, a concepção hermenêutica (sentido), apresenta naturalmente diversos equívocos teóricos na obra freudiana, uma vez que a pretensão de Freud nunca foi o de superar essa separação, tendo em vista que para o psicanalista não havia contradição epistemológica alguma entre o naturalismo e a hermenêutica.

É verdade que há no cerne do freudismo uma problemática energética e uma teoria do sentido. Freud, porém, nunca se apresentou como sintetizador da energia e do sentido. [...] Freud não é alguém que passeia de uma à outra, tentando mantê-las juntas e obtendo maior ou menor êxito: ele **nunca dissociou uma da outra!** (ASSOUN, 1983, p. 30, grifo nosso)

Monzani (2014) afirma que a contradição epistemológica entre os dois discursos mencionados expressa um caminho inverso ao proposto por Freud, considerando que o psicanalista propõe, dada a sua natureza teórica e investigativa, pensarmos uma dinâmica inédita dentro do contexto da ciência, uma vez que até então o inconsciente não se apresentava como um objeto de estudo propriamente científico.

Assinalemos o quanto essa clivagem é estranha ao discurso de Freud, o qual, no decorrer de sua obra, jamais deu a entender que vislumbrava qualquer espécie de contradição entre uma técnica de decifração do sentido operada na prática analítica e a sua montagem teórico-conceitual, que procurava dar conta dessa prática. Aos olhos de Freud, tudo indica, não havia a menor contradição, o menor espaço, entre esses dois domínios. (MONZANI, 2014, p. 72)

A identidade da epistemologia freudiana se expressa de forma ambígua devido a sua própria natureza constituinte, considerando que, em seu âmago, a concepção hermenêutica e a concepção energética coexistem mutuamente, sendo que uma atribui condição de existência



teórica a outra. Sublinha-se, novamente, que Freud não tinha a preocupação de demarcar uma concepção epistemológica como um discurso hegemônico. Muito pelo contrário, Freud sempre demonstrou uma ambição científica de coexistir as duas concepções, sendo que ambas as perspectivas epistemológicas amparam as abstrações clínicas e investigativas das manifestações do inconsciente.

É natural que o investigador identifique um conflito epistemológico no interior desse argumento, questionando qual seria, então, a natureza da transição freudiana, que consiste na transição de uma leitura do funcionamento econômico à interpretação hermenêutica, ou seja, como é possível a coexistência de ambas as perspectivas dentro da epistemologia da psicanálise?

Aqui, portanto, chegamos ao núcleo investigativo e que responde à pergunta elementar do presente trabalho: a psicanálise é uma ciência do espírito ou da natureza? A resposta à essa pergunta nos conduz a reconhecer a inexistência dessa problemática para Freud, uma vez que a natureza desse conflito nasce a partir da ruptura inaugurada por outros autores dentro da filosofia da psicanálise (Hyppolite, Binswanger, Ricoeur, Assoun, Mezan e Mannoni, por exemplo) desconsiderando, contudo, o movimento interno da epistemologia freudiana, explorada detalhadamente por Monzani (2014).

Freud não passeia do naturalismo à hermenêutica, como de um lugar ao outro: nele, **naturalismo e hermenêutica estão vinculados como uma única e mesma linguagem.** Eis a realidade epistêmica freudiana que devemos pensar em seu devido lugar. (ASSOUN, 1983, p. 31, grifo nosso)

Assoun (1983) aponta, por exemplo, a perspectiva de Ricoeur sobre a problemática da epistemologia freudiana, indicando que na passagem dos elementos energéticos presentes em *O projeto para uma Psicologia Científica* (1885) à *Interpretação dos Sonhos* (1900), “[...] tudo se passa como se o saber freudiano se constituísse e progredisse sob o signo de uma *consciência epistemológica infeliz*, vivendo confusamente a contradição entre um modelo teórico energetista e uma exigência hermenêutica.” (ASSOUN, 1983, p. 34)

Dando um passo à frente, nos ensaios de *Metapsicologia*, com a maturidade, “as duas exigências do discurso analítico atingem seu ponto de equilíbrio”: o ponto de vista econômico-tópico sendo aí sistematizado, enquanto que, por outro lado, a articulação entre pulsão e representação permite reintegrar o inconsciente “na circunscrição do sentido”. Assim se constituiria, num “movimento circular”, uma união precária entre força e sentido: não harmonia, mas nó desajeitadamente



amarrado num labor obstinado. Não fusão amorosa, mas divórcio superado, casamento de razão entre dois parceiros condenados a viverem juntos. **Tal seria a epistemologia freudiana: o produto de um longo *modus vivendi* entre pontos de vista heterogêneos. Nesta perspectiva, chegamos a admirar o talento e a engenhosidade de Freud, conseguindo manter juntos, pela mesma cabeça, esses dois irmãos inimigos que são o energetismo e a hermenêutica.** (ASSOUN, 1983, p. 34, grifo nosso)

É inegável que Freud deixa um legado epistemológico dentro da filosofia da ciência, considerando que a sua capacidade investigativa se torna inédita. Ricoeur aponta que nos ensaios metapsicológicos, Freud revela uma maturidade epistemológica em relação à plataforma da psicanálise, apresentando um equilíbrio entre ambas as perspectivas, até então aparentemente antagônicas entre si. Desse modo, a sistematização de Freud nos estudos metapsicológicos permite que a psicanálise comporte, na visão de Ricoeur, tanto a concepção energética, quanto a concepção hermenêutica, sendo que essas duas perspectivas epistemológicas se apresentam à Freud como “filhos de uma mesma mãe”¹⁴, com personalidades completamente opostas, mas que, no entanto, em alguns pontos conferem condição de existência à outra: opostos em sua expressão, mas inseparáveis em sua natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação nasce em uma tentativa de estabelecer um panorama epistemológico dentro da filosofia da psicanálise, considerando que a cientificidade da psicanálise é objeto de inúmeras críticas, uma vez que sua natureza teórica expressa a ambivalência da qual lhe é própria.

Pode-se contemplar a plataforma epistemológica da psicanálise associada à metapsicologia, a qual atribui caráter científico e investigativo, sendo que a metapsicologia emerge como uma necessidade interna à clínica psicanalítica. A partir de seu nascimento, a

¹⁴ Visto por Ricoeur, Freud se parece um pouco com este bastardo relativamente ao qual Platão representava o demônio Éros, nobre por parte de pai (aqui, a hermenêutica) e indigente por parte de mãe (a energética), não conseguindo superar a duplicidade de sua origem e, talvez, não podendo divinizar-se senão pelas virtudes salvíficas da nova hermenêutica fenomenológica. (ASSOUN, 1983, p. 35)



psicanálise caminhou como que dividida entre as duas concepções epistemológicas completamente distintas: a concepção energética e a concepção hermenêutica.

A concepção energética nasce com os primeiros escritos metapsicológicos, quando a psicanálise ainda se encontrava na infância. No entanto, alguns autores apontam a hermenêutica intrínseca às postulações de natureza energética, nascendo um conflito no interior da leitura da obra freudiana. Associa-se essas duas divisões de natureza epistemológica às distinções postuladas na época: ciência da natureza x ciência do espírito.

A concepção pertencente à epistemologia da Psicanálise conduz ao método de leitura inaugurado por Monzani, contemplando ambas as perspectivas como um movimento dentro da obra. A proposta de Monzani encerra a investigação, deixando o investigador isento de um posicionamento, mas competente para identificar o cenário epistemológico dessa discussão.



REFERÊNCIAS

- ASSOUN, P-L. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad. de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago. 1983.
- BACHELARD, G. *A Formação do Espírito Científico: Contribuição Para uma Psicanálise do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto. 1996.
- BINSWANGER, L. *La conception freudienne de l'homme à la lumière de l'anthropologie. Discours, parcours et Freud*. 1970. In: BINSWANGER, L. *Discours, parcours et Freud: analyse existentielle, psychiatrie clinique et psychanalyse*. Paris: Gallimard, 1970.
- FREUD, S. *Um estudo autobiográfico*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 20). J. Strachey, Trad. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925). 1996.
- FULGENCIO, L. *O Método especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC. 2008.
- HYPOLITE, J. *Ensaio de psicanálise e filosofia*. (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Taurus. (Texto original publicado em 1955). Prefácio escrito por Joel Birman. 1971.
- KANT, I. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1788). 2003.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. 2.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Obra original publicada em 1781). 1997.
- KANT, I. *Primeiros princípios metafísicos da ciência da natureza*. Tradução de Artur Morão. Lisboa-Portugal: Edições 70. (Original publicado em 1786). 1990.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9ªed. São Paulo: Perspectiva. 2005.
- MASSON, J. M. *A Correspondência e Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago. 1986
- MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. 3ª ed. Campinas, SP. Editora Unicamp. (Original publicado em 1989). 2014.



POPPER, K. R. *A Lógica da pesquisa científica*. Tradução de Leonidas Hegenberg e Ocatny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

SILVA, G. O. “Psicanálise e Metapsicologia: Transições Entre Experiência e Representação”. *Revista Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*. Porto Alegre. n.11. pp. 106-135. Jan-Jun. 2011.

Recebido: 16/05/2022

Aprovado: 15/06/2022